

Apresentação

Neste número, a revista *Civitas* volta a abordar a temática empresarial, privilegiando, desta vez, trabalhos que colocam o foco da análise na dimensão social deste universo. A retomada da temática empresarial como tema principal dessa publicação reflete o crescente interesse, por parte dos cientistas sociais, pelo estudo das práticas econômicas e, de forma mais específica, pelo estudo de empresas, de empresários e de suas organizações. Esse interesse se expressa na realização de novas pesquisas e na organização de eventos e publicações voltados para essa área.

Compartilhando esse interesse, as organizadoras desse número da *Civitas* selecionaram artigos que tratam de temas relativos ao *mundo empresarial e a questão social*, temática essa que foi foco do *V Workshop Empresa, Empresários e Sociedade*, evento realizado na Pucrs (Porto Alegre), em maio de 2006, no qual participaram mais de 50 pesquisadores brasileiros que se dedicam a estudos relativos.

A trajetória de uma empresa ao longo de dois contextos distintos da história econômica brasileira é analisada por Cristiano Fonseca Monteiro a partir de pesquisa nas publicações da Varig. O texto *A Varig e o Brasil entre o desenvolvimento nacional e a competitividade global* apresenta as diferentes imagens que a empresa construiu nas duas conjunturas analisadas. Entre os anos 1960 e 70, a empresa se apresentava como “empresa a serviço do país”, e identificava a idéia de “Varig grande” com o projeto de “Brasil grande” da época. No segundo período analisado – os anos 1990 – a imagem divulgada era a de “empresa enxuta”, que busca se adequar a uma estratégia de competitividade global.

<i>Civitas</i>	Porto Alegre	v. 7	n. 1	jan.-jun. 2007	p. 5-7
----------------	--------------	------	------	----------------	--------

No texto *Educação corporativa na dinâmica sócio-cultural das empresas*, Antonia Colbari propõe que os procedimentos voltados para a qualificação dos trabalhadores devem ser vistos como práticas socializadoras, e que seu conteúdo pode ser analisado como construções ideológicas. Com esta concepção, o texto apresenta uma análise das práticas de educação corporativa implementadas por três grandes empresas localizadas no estado do Espírito Santo, identificando as diferentes matrizes ideológicas em que essas práticas se baseiam.

Em *Gerência intercultural, diferença e mediação nas empresas transnacionais*, Livia Barbosa e Letícia Veloso interpretam, a partir de autores analisados, as questões relativas à cultura e ao contato intercultural, os diferentes significados atribuídos ao conceito de *interculturalidade* nos sites de empresas de treinamento especializadas na preparação de executivos de empresas transnacionais que devem atuar fora de seus países de origem. Através da análise desses materiais, produzidos em três países – Estados Unidos, Alemanha e Brasil, as autoras mostram como essas práticas e discursos empresariais são orientadas por diferentes concepções de cultura e de mediação cultural.

Assumindo a perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, que propõe a abordagem das empresas como campos sociais, Antonio José Pedroso Neto desenvolve a análise do papel que os gerentes exerceram ao longo da implementação dos projetos de mudança organizacional (*modernização*) que foram implantados nas empresas estatais do setor elétrico do estado de São Paulo no período anterior à sua privatização. O texto *Executivos e gerentes de empresas estatais às vésperas da privatização* mostra que, na busca de um bom posicionamento no cenário que se desenhava com a perspectiva da privatização, os gerentes dessas estatais foram agentes ativos do processo de preparação das empresas para a sua venda.

No texto *Processos globais e mercado de trabalho: novas dinâmicas no setor automotivo no Brasil – anos 2000*, Sandro Garcia parte do pressuposto de que o processo de produção globalizada promove novas dinâmicas econômicas e sociais em mercados de trabalho regionais. Essas inovações tanto estimulam capacidades e conhecimentos quanto acirram a competitividade e a instabilidade entre os mercados regionais de trabalho. Essas questões são ilustradas pela análise detalhada das transformações que vem ocorrendo no mercado de trabalho do novo pólo automotivo de Gravataí (RS).

A forma como as empresas organizam o trabalho internamente e como essa organização também é afetada pelas transformações que a globalização

promove é investigada através de estudo de caso no texto de Pedro Robertt sobre a Conaprole: *A busca de um novo regime de mobilização da força de trabalho em uma empresa de laticínios uruguaia*. Neste texto, o autor analisa os discursos e políticas gerenciais criados para justificar o processo de reestruturação produtiva que a Conaprole vem sofrendo para acompanhar as imposições de um mercado global instável.

No texto *Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação*, Genauto Carvalho de França Filho aborda a temática da economia solidária. A partir de uma definição dos principais conceitos relativos ao tema, o autor desenvolve uma análise que busca avaliar as potencialidades das experiências concretas de economia solidárias como tecnologias de intervenção social capazes de gerar trabalho, renda e de promover o desenvolvimento sustentado. Por fim, o autor discute algumas questões relativas ao fato de, no Brasil, as práticas de economia solidária terem assumido o status de políticas públicas.

O texto *Gestão de empreendimentos econômicos solidários na região Noroeste do Rio Grande do Sul*, de Noëlle M. P. Lechat, Carolina Ritter, Fábio R. M. Lemes e Tiago Schirmer, apresenta dados preliminares de uma pesquisa realizada na região para mapear os empreendimentos econômicos que podem ser classificados como solidários, segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes). Esses dados são utilizados para avaliar em que medida os princípios que sustentam a economia solidária como projeto ideológico se aplicam às experiências concretas dessa forma classificadas.

Embora revelando objetos e formas de abordagem bastante diversas, em todos os estudos aqui apresentados, as empresas são vistas como produtoras, como produto ou como *locus* de processos sociais que não podem ser totalmente abarcados por abordagens baseadas em conceitos e argumentos teóricos de natureza estritamente econômica ou gerencial. A leitura desses textos deve ajudar-nos a perceber o quanto as ciências sociais têm a contribuir para o desenvolvimento de ferramentas que permitam análises mais completas e complexas dos fenômenos econômicos.

Lúcia Helena Alves Muller
Denise Barbosa Gros